

FILTROS CULTURAIS E DESLOCAMENTO DE ENFOQUE NOS ATENTADOS TERRORISTAS AO WTC

CULTURAL FILTERS AND SHIFT IN FOCUS IN THE WTC TERRORIST ATTACKS

Silvana Polchlopek¹
Meta Elisabeth Zipser²

RESUMO: Este artigo apresenta a interface tradução-jornalismo à luz da tradução como representação cultural (ZIPSER, 2002). Esta perspectiva compreende o jornalista como 'tradutor' do fato e aponta para deslocamentos de enfoque na produção textual jornalística, especialmente quando a notícia transita por diferentes ambientes culturais em contexto internacional. É o caso dos textos paralelos sobre os atentados terroristas em 2001 nos EUA publicados, na época, nas revistas *Veja* e *TIME*, ambas em edição especial. As reflexões propostas se fundamentam no funcionalismo nordiano e compreendem o recorte de uma pesquisa de mestrado, articulando-se em três momentos distintos: i) a contextualização da interface tradução-jornalismo; ii) das teorias de base de Nord (1991-tradução) e Esser (1998-jornalismo) e iii) a análise das capas e dos filtros culturais empregados pelo jornalista-tradutor, enfatizando o jornalismo como organizador de perfis sociais e a atuação da cultura sobre a tradução dos fatos.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Jornalismo, Funcionalismo, Cultura.

ABSTRACT: This article presents the translation-journalism interface through the theory of translation as a cultural representation (ZIPSER, 2002). Within this view the journalist is understood as a translator of facts which highlights shifts in focus in the journalistic textual production, especially when news move through distinct cultural contexts. This is illustrated by parallel texts about the terrorist attacks in the USA in 2001 which were reported by *TIME* and *Veja* magazines at the time. Based on the nordian functionalist approach to translation studies, this article derives from a dissertation research recently defended and it is articulated into three distinct moments: i) the contextualization of the referred interface; ii) the theories of Nord (1991-translation) and Esser (1998- journalism) and iii) the analysis of the magazine covers and cultural filters used by the journalist-translator, pointing out journalism as an organizer of social profiles and the effect of culture over the translation of news reports.

KEYWORDS: Translation, Journalism, Functionalism, Culture.

Desde que a área dos estudos tradução se consolidou como campo de pesquisa acadêmico há pouco mais de trinta anos, a tradução tem sido pensada e analisada enquanto processo derivativo de um

¹Doutoranda em Estudos da Tradução (PGET), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sil-in-sc@uol.com.br

²Doutora em Língua e Literatura Alemã (USP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Professora do depto de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE-UFSC) e da pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), metazipser@yahoo.com.br

texto-fonte (TF) exclusivamente; medida tanto para se avaliar a tradução como processo quanto como produto. Por outro lado, a própria evolução das teorias e metodologias tem favorecido a parceria dos estudos da tradução com áreas afins tais como a sociologia, a filosofia e a psicologia, o que vem reforçando ainda mais o caráter interdisciplinar e o nível de complexidade dos estudos tradutórios. Essa interdisciplinaridade é defendida inclusive por Mona Baker (apud MARTINS, 1999, p. 15) como meio de ampliar as discussões sobre a abrangência que o fenômeno da tradução impõe cada vez mais, como é o caso do jornalismo ou, mais especificamente, da interface tradução-jornalismo (ZIPSER, 2002). Nesse sentido, o caminho escolhido para este artigo começa justamente com a apresentação da interface para só então discutir as teorias que a configuram: Nord (1991) e Esser (1998). Por fim, apresenta-se um recorte de análises conduzidas numa pesquisa de mestrado sobre a representação cultural dos atentados terroristas nos EUA. Começamos então pela interface.

A tradução-jornalística

Para compreender a proposta dessa interface é necessário, antes de tudo, se desprender da visão tradicional da tradução derivada de um TF, para pensá-la como tendo origem na própria matéria que constitui o jornalismo: o fato noticioso ou fato-fonte (FF). Do acontecimento até a reportagem final, a notícia geralmente percorre um longo caminho no qual há sempre um recorte nesses relatos, visto que as matérias não são divulgadas sem antes passarem por responsáveis [editores chefes, chefes de redação] que podem vir a alterar esses textos, obedecendo a critérios de pauta, noticiabilidade ou mesmo interesses particulares do próprio veículo de informação.

Isso nos faz lembrar que a imprensa não escreve para si e que no outro vértice do relacionamento 'fato-imprensa-reportagem' está o público-leitor que além de atribuir ao jornalismo uma função testemunhal, espera ser informado sobre os fatos com a devida "isenção". Tais constatações, no entanto, evidenciam uma interferência entre o fato e o seu relato na imprensa, capaz de gerar diferentes perspectivas de abordagem não só quando a notícia é relatada em contexto intralingual, mas principalmente quando tem origem em ambiente internacional. Explicamos: enquanto público-leitor, normalmente temos acesso somente à leitura da imprensa sobre os acontecimentos, mas como saber se esta é a única possível? Mesmo constituindo um discurso próprio, a imprensa não deixa de ser uma instituição social que vive dos fatos que acontecem fora do seu universo; portanto, não está isenta de receber influências externas, especialmente culturais. Neste caso, a própria escolha do fato a ser noticiado, bem como a forma como será abordado, refletem padrões sociais e culturais de informação específicos para cada país resultando em diferenças de abordagem para uma mesma notícia.

Neste processo, se o leitor não compartilha do contexto da cultura de partida, o jornalista assume a função de tradutor na imprensa bastando para isso, geralmente, conhecer o idioma, o estilo do veículo para o qual escreve (exigência também para tradutores profissionais), além de, se possível, ter realizado alguns trabalhos com sucesso como ter traduzido corretamente, sem ‘distorcer’ a informação. Conseqüentemente, existem aqui dois caminhos: a tradução consensual ou “fiel à letra” e que se propõe objetiva, imparcial e neutra no relato do fato jornalístico, como se observa em muitas traduções de textos online, ou a **tradução como representação cultural** do fato noticioso, conforme proposta por Zipser (2002)

A representação cultural pressupõe um leitor-final sempre prospectivo e que, geralmente, não compartilha do contexto sócio-cultural onde se origina a notícia. Por essa razão, se fazem necessários **filtros** entre o fato e o seu relato da imprensa. Estes filtros, empregados no texto pelo jornalista-tradutor, são ancorados nos referentes da cultura de chegada e tem a função de ativar no leitor esquemas de memórias que o permitam associar o FF com acontecimentos similares em sua própria cultura, permitindo assim que a interação do leitor com os fatos e a compreensão que este adquiriu na cultura de partida

Nesse sentido, a leitura que recebemos dos acontecimentos se apresenta, a exemplo da tradução, como apenas uma das muitas que um mesmo fato-noticioso pode receber, de acordo com a cultura para a qual se destina. Portanto, o fato de pertencer a grupos sócio-culturais distintos faz com que a recepção do leitor-final seja um ato condicionado pela sua perspectiva, experiência de mundo e de leitura adquirida e compartilhada no seu meio social.

Segundo Zipser (2002), os filtros caracterizam o processo de construção de sentido dos textos os quais adquirem uma acepção mais ampla, passando a configurar diferentes leituras de um mesmo fato ou de uma realidade maior: “Trata-se, enfim, de uma leitura e não da leitura desse mesmo fato” (ZIPSER, 2002, p. 3), sendo que “podemos dizer que a questão da tradução no jornalismo fica colocada em termos culturais e não meramente como uma transcodificação lingüística” (Ibid, p. 32). Em outras palavras, temos aí a uma tradução que não parte de um TF e sim de um fato real.

Desse modo, toda e qualquer reportagem veiculada pelos meios de comunicação adota uma perspectiva específica de enfoque e angulação que, por si só, já não pode ser considerada ‘neutra’. Questionam-se até mesmo interesses de vendagem como eventuais condicionantes para o enfoque adotado³. Por extensão, a noção de texto – enquanto mensagem veiculada – passa a abranger o próprio contexto real de situação e cultura como observa Zipser:

³Sobre isso, a jornalista Marília Scalzo (2003) comenta a reestruturação de pauta da Revista Capricho, para atender a um público jovem que estava crescendo sobre valores mais modernos e de forma mais aberta e independente. Sem essa reestruturação, a revista teria sido banida das prateleiras, segundo a jornalista.

“Dessa forma, o produto final da reportagem estabelece um vínculo com os fatos, que será o resultado do gerenciamento de múltiplas variáveis, ditadas pelas esferas políticas, sociais, econômicas, pela condicionante da história, pela extensão da liberdade de imprensa, pelo teor de formação de seus agentes e, não menos importante, pelo perfil do público ao qual se destina”. (ZIPSER, 2002:3).

A percepção do envolvimento de parâmetros culturais nesse processo de transição da notícia entre fronteiras internacionais fundamenta o conceito de tradução como representação cultural de um fato noticioso e apresenta o jornalista como tradutor deste fato (ZIPSER, 2002). Este também é o caminho do tradutor em ambiente funcionalista quando, num primeiro momento, analisa o TF a partir dos seus fatores externos (FE) e internos (FI) para só então partir para a tradução com vistas a um público leitor que pode ser tanto um leitor real (receptor) ou um público idealizado (*addressee*), segundo Nord (1991). Dessas constatações, Zipser (2002) estabelece os seguintes paralelos para a interface, a saber:

- O leitor-destinatário está no centro das atividades jornalística e tradutória. Logo, o texto, seja original ou tradução, não acaba quando é escrito, pois só concretiza e realiza a sua função no momento da recepção (leitura) pelo destinatário;
- A neutralidade é para o jornalismo o que a transcodificação isenta é para a tradução, ou seja, a desconsideração da linguagem como manifestação de uma cultura e de um processo formador de sentido;
- A interculturalidade é o ponto convergente no contato entre ambientes culturais diversificados através das atividades realizadas pelo jornalista e pelo tradutor;
- A autoconsciência cultural é a dinâmica atuante nas suas tarefas, determinando as diferenças de um em relação ao Outro;
- Tradutor e jornalista são intermediadores culturais, ou seja, a tradução deixa de ser ‘transcodificação lingüística’, enquanto o jornalista se caracteriza como **tradutor** dos fatos;
- Ambos, tradutor e jornalista, selecionam seus instrumentais de trabalho através de fatores culturais determinantes;
- E por fim, sob esta perspectiva, a atividade tradutória não se satisfaz quando desvinculada de condicionantes culturais, bem como a prática jornalística não **traduz** fatos sem referência a cultura local.

Esses paralelos resultam das abordagens Christiane Nord (1991) e Frank Esser (1998), pesquisadores alemães que conjugam tanto a experiência prática/profissional quanto o

conhecimento teórico em suas áreas de investigação. É a aproximação dessas teorias que fundamenta a interface tradução jornalismo.

O funcionalismo de Christiane Nord

O termo funcionalismo possui muitos modelos e versões associadas à antropologia, etnografia, sociologia, jornalismo e ciências matemáticas, por exemplo, além de várias distinções dentro da própria lingüística da qual Simon Dik (1981) e Michael Halliday (1994) são exemplos. De um modo geral, e em se tratando da língua, as teorias funcionalistas priorizam a análise da função comunicativa que certas estruturas lingüísticas exercem para servir à intenção pragmática do usuário da língua, de acordo com Weininger (2000, p. 35). A própria Nord (1997, p. 1) define o funcionalismo como um meio de focalizar a(s) função(ões) dos textos e traduções. Segundo a autora, as situações que determinam 'o que' e 'como' as pessoas se comunicam podem ser modificadas à medida que a comunicação ocorre e que outras variáveis são colocadas em prática, visto que as situações comunicativas não são institucionalizadas ou padronizadas, uma vez inseridas em ambientes culturais que as estabelecem e condicionam (Ibid, p.1).

Nesses termos a tradução é uma ação e também a representação de um ato comunicativo que deve se adequar (ser funcional) a um leitor sempre previsto, ou seja, sempre visualizado com antecedência de modo que o tradutor possa definir a função textual, o *skopos* e as estratégias pragmáticas para concretizá-la. Por essa razão, a proposta de Nord configura-se como uma prática de tradução orientada para a análise do texto. Neste processo o tradutor recria, primeiramente, as condições de produção do TF para então determinar as condições da recepção (leitura) da tradução. Essa análise é orientada por uma série de fatores externos (FE) ao texto e representativos da condição da produção textual: emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, propósito e a função do texto para os leitores do contexto de partida. Num segundo momento, a análise se volta para os constituintes lingüísticos da mensagem ou fatores internos ao texto (FI) e que se estruturam para veicular a mensagem intencionada pelo autor; é o como o autor escreve: tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não verbais (fotos, gráficos), léxico, sintaxe, elementos supra-segmentais (aspas, travessões, parênteses, negritos, itálico) e o efeito do texto sobre os leitores. A autora esclarece que essa hierarquia se deve por razões meramente didáticas e metodológicas, lembrando que seu modelo tem como propósito a sua utilização em sala de aula para treinamento de tradutores.

Segundo a perspectiva nordiana a função se localiza na situação de produção textual, ao contrário do que propõe, por exemplo, Halliday (1994) para quem a função integra os elementos

internos ao texto. Desse modo, a função pode ser observada a partir do contexto de produção do TF e antecipada em relação ao contexto de recepção da tradução (TT). Ao analisar o TF, o tradutor tem condições de reconstruir as reações dos leitores na língua-fonte (LF) e assim deduzir a intenção do autor. A partir daí, é possível antecipar as reações do público alvo de acordo com o contexto sócio-cultural de recepção e definir as estratégias mais adequadas para alcançar o *skopos* (propósito) da tradução que adquire, assim, uma dimensão histórico-cultural, permitindo elencar as reflexões de Nord em três características básicas:

- A tradução é *ação*, ou seja, uma situação comunicativa inserida em um contexto de situação real, autêntico;
- Todo texto, traduzido ou não, tem uma *função*;
- Essa função só é realizada a partir do momento da recepção do texto pelo seu destinatário o que significa que todo texto é predominantemente *prospectivo*, voltado ao **leitor final**.

A função textual é estabelecida, portanto, *na* e *pela* situação comunicativa. Ainda segundo Nord essa análise do TF deve não só preceder a tradução, como também assegurar ao tradutor total compreensão e interpretação do texto, possibilitando uma base confiável para a tomada de decisões durante o processo tradutório. A autora propõe, com seu trabalho, uma ferramenta de apoio ao mesmo tempo, abrangente e detalhada para contemplar até mesmo os problemas mais específicos da tradução. Isso permite uma troca entre o ambiente cultural que condiciona a situação comunicativa e o próprio ato comunicativo que interfere nas relações sociais, visto que a “a comunicação é condicionada por obstáculos da situação-em-cultura” (NORD, 1997, p.1). A tradução é compreendida assim como uma atividade comunicativa culturalmente marcada.

Frank Esser e as esferas de atuação do jornalismo

Esser aproxima-se dos estudos da tradução no sentido de que o modelo proposto pelo autor, a exemplo de Nord, ressalta o princípio da interculturalidade a qual os textos são expostos. Estas variáveis são responsáveis pela dinâmica interativa entre produtor textual (jornalista/tradutor) e destinatário-final (leitor) uma relação, segundo GOMES (2004), na qual o leitor encontra-se inserido de forma indireta e excluído do diálogo, de forma a garantir a isenção e a imparcialidade para o relato jornalístico. O autor propõe o que chama de modelo pluriesstratificado integrado, ou seja, um modelo de análise para o jornalismo cujas esferas de atuação caminham no mesmo sentido daquele proposto em Nord: de fora para dentro, ou seja, da

esfera social que norteia todo o sistema jornalístico determinando-o como organizador de perfis sociais, visto que é na sociedade que busca os fatos que irão integrar a pauta, passando pela esfera *estrutural da mídia* que inclui um fatores de mercado, direito e autocontrole da imprensa, ética da profissão, atuação de sindicatos e a formação do jornalista, pela esfera *institucional* de organização interna das redações até chegarmos a esfera subjetiva envolvendo valores subjetivos e éticos, posicionamentos políticos do próprio jornalista.

O foco do trabalho do autor é comparar essas instâncias através do estudo do jornalismo alemão e inglês, fornecendo uma visão abrangente da dinâmica da atividade jornalística dentro de cada uma dessas culturas. Nesse sentido, Esser compreende o jornalismo como um *sistema parcial* atuante na sociedade e vincula a noção de produção de sentido também à noção de cultura, conferindo ao jornalismo de cada país uma identidade própria. E é através desses discursos específicos que a mídia assegura a sua função maior de informar o leitor, formar sua opinião e manter sua credibilidade enquanto uma instituição social organizadora de perfis sociais. É de se pressupor então que a realidade da cultura também interfira na atividade jornalística partindo dessa prática para a cultura e da cultura de volta ao jornalismo, a exemplo do processo tradutório.

O trabalho com o conceito de interculturalidade permite analisar aspectos da prática jornalística internacional como: tradição da imprensa, dinâmica de mercado, ética e formação do jornalista, fornecendo uma visão abrangente da prática da imprensa. É a combinação desses fatores que afeta o modo como o jornalismo traduz os acontecimentos em forma de notícias e, como o leitor visualiza e recebe a realidade através destas 'traduções'/leituras, que a mídia oferece. As instâncias apontadas por Esser desmistificam a aura idealizada do jornalismo realizado de forma totalmente isenta, imparcial, porém não desvincula a imprensa da estrutura social a qual integra.

O que se propõe é que a atuação conjunta desses condicionantes culturais confere ao jornalismo de cada país uma identidade cultural própria pelo modo como a imprensa influencia e se deixa influenciar pelas forças situacionais externas e internas dirigidas a ela, a exemplo do modelo de tradução de Nord que possibilita uma análise em equilíbrio entre TF e TT sempre pelo viés dos aspectos culturais que influenciam a produção do primeiro e a recepção do segundo.

Zipser (2002, p. 28) observa que estes fatores interagem de modo semelhante aos fatores externos e internos propostos por Nord (1991) para a tradução e, abrangem a mesma direção - de fora para dentro - ou seja, da sociedade, da situação comunicativa, do fato para o texto escrito; sua influência é recíproca, permeia e condiciona de forma dinâmica toda a prática jornalística. O trabalho de Esser (1998) permite, dessa forma, explicar e justificar o que a autora chama de

“diferentes enfoques dados a notícia” quando estas são ‘traduzidas’, transmitidas, para outras culturas. (Ibid, p. 33).

O império vulnerável X uma nação indivisível

O corpus apresentado é um recorte de textos sobre os atentados terroristas no WTC em 2001 publicados pelas revistas *Veja* [contexto brasileiro] e *TIME* [contexto internacional], em edição especial. Com um total de 4868 palavras em português e 8540 em inglês, sua seleção obedeceu os seguintes critérios: i) ambas as revistas são periódicos representativos em seus países de origem e considerados veículos de credibilidade junto aos seus leitores; ii) estão há mais de 30 anos no mercado editorial representando a história jornalística em seus países de publicação; iii) o fato obteve repercussão mundial na época e, iv) os textos atendem a condição de: autênticos, em contexto de situação real, conforme sugerido por Nord e também as esferas de atuação jornalísticas em Esser. De acordo com tais pressupostos e com a configuração da interface tradução-jornalismo, vejamos primeiro as duas capas da *TIME* em suas edições ‘americana’ e ‘latina’.

Poderíamos dizer que ambas possuem o mesmo layout (título de capa, cores, fotografia), se não fosse um pequeno detalhe no subtítulo no círculo em vermelho (Fig. 1). Na edição americana o subtítulo diz: “*America digs out – and digs in*”⁴, cuja pesquisa terminológica aponta, grosso modo, ‘escapar de uma armadilha ou de um problema’, enquanto “*dig in*” se refere a ‘cavar uma trincheira, estocar armas e alimento e esperar pela captura do inimigo não importa o tempo’, explicitando um provável contexto de guerra ou de retaliação que seria levada a cabo na sequência dos acontecimentos. Já a edição latina acrescenta um recado “— *for a war*”, ou seja, explicita o conceito para leitores de países cujas relações com os americanos sempre foram, em alguma medida, conturbadas. Este é um detalhe que visa o esclarecimento de leitores em prospecção e que, dentro da esfera social em Esser (1998) adquire o status de um recado bastante direto a qualquer nação que se mostrasse opositora e que, por ventura, não entendesse a expressão inglesa.

⁴Propomos a seguinte tradução para este subtítulo: “*A América se une na luta contra o terror*” (edição americana) e “*A América se prepara para a guerra*” (edição latina).

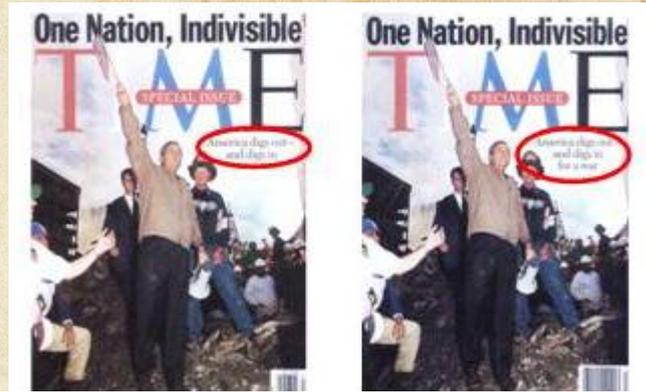


Fig. 1: Capas da *TIME*-edição norte-americana (esquerda) e latino-americana

Cabe ainda observar a localização do título maior e tentar uma leitura semiótica: “*One Nation, Indivisible*”, no topo da capa, é reforçado pela imagem bastante nacionalista e patriótica do presidente da nação empunhando bandeira singela que, apesar de pequena como era o país no momento, tentava se mostrar grande e vitoriosa sobre os escombros.

Porém, ao buscarmos a tradução deste fato para o contexto brasileiro encontramos outras leituras, outras traduções a partir da capa estampada pela revista *Veja*. Nesta observa-se o título “*O Império Vulnerável*” na parte de baixo da capa, mas que evidencia um tom político e ideológico referente ao país americano (Fig. 2). A imagem da capa também é bastante apelativa evidenciando os valores-notícia agregados ao fato: situação inesperada, de impacto, surpresa, raridade, coletiva, drama/tragédia, conflito, de acordo com Franzon (2004). Afinal, tragédia vende e muito. *Veja* sugere ainda a leitura do “Império” atacado, com tamanha ousadia, no seu ponto mais forte: o WTC como símbolo maior do capitalismo, para o mundo, e de uma cultura quase personificada para os americanos.

As capas traduzem, portanto, o modo como o mesmo fato é relatado em contextos culturais diversos, além de revelar posicionamentos ideológicos dos veículos de comunicação. O processo não parte, como se observa, de um TF, no entanto, dentro dos paralelos expostos na interface tradução-jornalismo (ZIPSER, 2002; NORD, 1991; ESSER, 1998) se fazem plenamente possíveis e viáveis.



Fig. 2: Capas da *TIME*-edição latino-americana e da revista *Veja*

Esta é a tradução como a representação cultural dos atentados terroristas e que pode ser observada também nas reportagens escritas.

As reportagens

Outra evidência da atuação de filtros culturais nas reportagens se encontra na temática predominante em *Veja* e *TIME*. Como exemplo, selecionamos os três primeiros textos que aparecem na *TIME* e os três outros paralelos a estes em *Veja* que, também estão em seqüência. Começemos pela *TIME*.

O primeiro texto da *TIME* é considerado pela revista um “*memorial issue*”, uma edição em memória das vítimas, cujo título é “*Mourning in América*” (*luto na América*), recriando os minutos que se seguiram aos atentados. O texto não possui lide e infiltra-se pelas esferas histórico-social, institucional e subjetiva de Esser, refletindo interesses do governo, da redação e da própria editora-chefe Nancy Gibbs empregando pronomes em primeira pessoa. A projeção do “eu” narrador produz um efeito de subjetividade, favorecendo o envolvimento e proximidade do leitor com o fato (SOARES, 2001, p.35): “*What can I do? I’ve already given blood – people started to realize that what they* Segundo Soares (2001, p. 46-7) “o próprio repórter torna-se o centro do acontecimento que cobre e, portanto, a melhor fonte de informação”, sugerindo a função expressiva. O segundo texto tem como título: “*The new breed of terrorist*” narrando a trajetória dos pilotos suicidas desde a sua entrada legal nos estados unidos, passando pelas lições de pilotagem em escolas de aviação de Massachusetts até o dia dos atentados. Atenção especial deve ser dada a palavra “*breed*” que pode tanto significar “geração” quanto “raça”, mas não de seres humanos e sim de animais. O terceiro apresenta Osama bin Laden com o título de “*The Most Wanted Man In The World*” provável referência à origem texana do então presidente Bush e aos filmes de faroeste nos quais os pistoleiros tinham suas fotos expostas com a palavra “*Wanted*” e o valor de sua

recompensa, conforme explicitado no lide: “*He lives a life fired by fury and faith. Why terror’s \$250 million man loathes the U.S.*”. É interessante notar o campo semântico, revestido com uma certa ironia e que denota o radicalismo do terrorista, formado pelos lexemas “*life fired, fury and faith*”, uma vida inflamada pela fúria e pela fé. Bin Laden é comparado, em *TIME*, a Sadan Hussein e Hitler.

Em *Veja*, o primeiro texto tem como título “*A Descoberta Da Vulnerabilidade*” e um relato cujo tom político e ideológico se torna claro logo no início. Já o segundo focaliza o desabamento das torres sob o título “*A Morte no Fogo, num Salto ou no Desabamento*”. Valores notícia como inesperado; tragédia; drama; raridade e conflito estão presentes no lide através de uma pergunta retórica: “*Como os pilotos suicidas conseguiram destruir as torres feitas para resistir a colisões, incêndios tremores? Juntaram tudo isso num atentado*”. O último texto, a exemplo da *TIME* apresenta bin Laden como o “*O Inimigo Número 1 da América*”, referenciando vilões de histórias em quadrinhos inimigos dos heróis, normalmente americanos como o Coringa que é “*inimigo número 1 do Batman*”. O lide “*Depois de Khomeini, Kadafi e Saddam Hussein, o mundo islâmico produz outro pesadelo para os Estados Unidos: o terrorista Osama bin Laden*” refere-se a outros líderes também de origem islâmica de forma a induzir o leitor a suspeitar de qualquer cidadão árabe como um possível terrorista, conforme se observou no desenrolar dos acontecimentos.

Os filtros culturais atuam ainda no item pressuposições, integrante dos fatores externos na abordagem de Nord. Essa análise envolve estratégias de expansão ou omissão de informações empregadas tanto na tradução quanto na produção textual jornalística. Nos textos mencionados da *TIME* as pressuposições referem-se a três grandes grupos:

- **Estados Unidos:** valores americanos, seriados da TV americana nos quais as torres aparecem no cenário (*Sex and the City, Wall Street, Working Girl, The Sopranos*), a cidade de Manhattan para compreender a localização dos prédios, hinos religiosos americanos; procedimentos de embarque nos aeroportos americanos, a cidade da Florida, atentados ao WTC em 93;
- **Guerras:** genocídio nazista, guerra do Kuwait e Somália;
- **Afeganistão:** conhecer a posição geográfica do Afeganistão invasão dos Afegãos à antiga URSS, as cidades de Meca e Medina.

Já os textos da *Veja* pressupõe quatro grupos principais referentes à:

- **Guerra:** Guerra fria, do Afeganistão, Saddam Hussein e Kuwait, Aiatolá Khomeini.

- **Americanos:** Ataque terrorista ao WTC em 93, Timothy McVeigh⁵ o assassino de Oklahoma, ataque japonês a Pearl Harbor, bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki.
- **Atentados terroristas:** Chacinas em Roma e Viena em 85.
- **Leitores brasileiros:** incêndio no edifício Joelma em São Paulo e ter viajado alguma vez de avião.

Em ambos os contextos, pressupor, ou seja, inferir aquilo que o leitor provavelmente já conheça permite aos mesmos atribuir sentido ao texto e estabelecer uma ponte entre o seu conhecimento prévio e o conhecimento novo adquirido através da leitura. Ressalta-se o último grupo de Veja sobre o incêndio no Edifício Joelma em 1976. Em razão de o leitor brasileiro não ter vivido uma tragédia desse porte, o jornalista-tradutor ancora o texto nas tragédias do Joelma de modo a fazer com que o leitor consiga compreender a magnitude do incêndio no WTC. Por outro lado, a ancoragem nem sempre é bem construída ou compreendida de imediato. No último texto de Veja sobre bin Laden, o terrorista é comparado a outros vilões da história da humanidade, mas nem todos são conhecidos: “*Ao longo da história, o mal exibiu várias feições. Ele já teve os traços de Átila, o Huno, do mongol Gêngis Khan, do austríaco Adolf Hitler, do soviético Josef Stalin, do cambojano Pol Pot e do ugandense Idi Amin Dada. Hoje, o mal não comanda um exército, não mora em um palácio, não discursa a multidões. Seu rosto é o do saudita Osama bin Laden.*” (grifos nossos). Muito provavelmente o leitor já ouviu falar de Gêngis Khan, mesmo que não saiba exatamente o que ele fez, Hitler e Stalin. Os outros, no entanto, se perdem.

Um último item que vale a pena mencionar é o léxico também parte dos fatores internos em Nord, relacionado ao conteúdo, assunto, pressuposições, características formais e informais da gramática e marcas supra-segmentais. O léxico é uma das maneiras de demonstrarmos a construção lingüística textual, por exemplo: as cadeias isotópicas podem refletir a **Intenção** (fator externo) do produtor textual através da seleção de palavras e revelar também o **Efeito** intencionado sobre o **Receptor**.

Em relação a *TIME*, o léxico tem a função de corresponder às expectativas dos leitores que esperam encontrar na revista o “*to know why*” (saber o por quê), o que motivou os atentados. As escolhas lexicais tendem a estabelecer um pólo do “bem contra o mal”, isto é, o mundo civilizado (Estados Unidos e países aliados) contra as nações bárbaras (países árabes muçulmanos). Porém, essa mesma leitura no âmbito da América Latina⁶ pode ter um efeito

⁵Considerado pelos Estados Unidos um terrorista doméstico, McVeigh explodiu uma biblioteca em Oklahoma em 1985, causando milhares de mortos e vítimas. Foi considerado o maior ataque terrorista da história dos Estados Unidos até o 11 de setembro. McVeigh foi movido pela religião, e considera-se um vingador e um herói. Disponível em: http://www.crimelibrary.com/serial_killers/notorious/mcveigh/dawning_1.html. Acessado em: Maio/2009.

⁶Os textos das edições americanas e brasileira são iguais em conteúdo e layout.

contrário, visto que, a nação americana não é uma unanimidade nesse contexto e que, em se tratando do contexto brasileiro não há a mesma necessidade de cultuar heróis, como induz o já conhecido patriotismo norte-americano. Nesse sentido, a seleção lexical da *TIME* objetiva construir a imagem de um país atacado em seu ponto vital e sem direito a defesa.

As escolhas de *Veja*, por outro lado, são como já dissemos, assumidamente político-ideológicas através do uso constante de adjetivos avaliativos em favor dos norte-americanos reforçando, entre os leitores brasileiros, os valores norte-americanos. *Veja* faz ainda uma generalização perigosa ao afirmar que “todo árabe é saudita” e que “o uso do turbante caracteriza o terrorista”. Aqui o filtro cultural do jornalista-tradutor deveria ter buscado a informação de que o turbante é um traje de utilidade prática (protege contra o sol) associado cultural, e não dogmaticamente, à religião muçulmana. Povos da região do Punjab, noroeste da Índia, usam o turbante e não são, necessariamente, islamitas ou terroristas. Portanto, sendo o léxico também revelador de traços culturais, agrupamos os temas principais sobre os quais se constrói a rede semântica do *corpus*:

Rede semântica no *corpus* da *TIME*:

- **EUA:** *Anyone lucky enough to be able to live in America, share its vices and freedoms and gifts, surely would not want to destroy it.*
- **WTC:** *Like when you have a teeth pulled and keep feeling for the space with your tongue; the WTC were so big; two great brothers of New York; ground zero; lodestars; local mountains.*
- **Atentados:** *Terror on this scale; airplanes into missiles; unthinkable; now we will see those shots and know they came Before.*
- **Terroristas:** *Our enemies; they; the killers who hate us; an enemy we have never met; suicide bombers; zealots; wave of killers.*

Rede semântica no *corpus* da *Veja*:

- **EUA:** *Vulnerabilidade; a Casa Branca; o país mais poderoso do mundo; império; a única superpotência; nação mais poderosa do planeta; território americano; superpotência; [guerra da] superpotência; vulneráveis a um ataque; demônio americano; país satânico.*
- **WTC:** *Ícones de sua identidade nacional; destaque no horizonte de arranha-céus de Nova York; simbolizava a supremacia econômica da superpotência; coração do poder Americano.*
- **Bin Laden:** *[É preciso dar o troco], mas contra quem?; responsável pelo atentado; principal suspeito; milionário saudita.*

- **Atentados:** *Ataque terrorista bem sucedido; ofensiva terrorista em larga escala, sem similar na história; terrorismo; atrocidades terroristas; enormidade da agressão; atentados; horror da destruição em Nova York e Washington; planejamento sistemático; operação dessa magnitude; ataque terrorista de grandes proporções; horrores; ato de vingança contra os estados unidos; fundamentalismo islâmico; atentado insano; via impor a versão fanática do islã a todo o mundo; terríveis atentados; terríveis atrocidades.*
- **Terroristas:** *Terroristas; fanáticos dispostos a tudo; seqüestradores; milícia fundamentalista; “covardes que não mostram a cara”; minoria radical; disposição fanática para matar e morrer; ódio incontrollável aos Estados Unidos; só querem ver sangue; são todos árabes, usavam passaporte saudita; turma do turbante.*

Esses exemplos demonstram que a tradução como representação cultural é ela mesma um fato concreto não só na interface tradução-jornalismo como também em outras situações comunicativas que atravessem, especialmente, fronteiras interculturais. Nesse contexto os filtros são mais fortemente ativados em função do leitor em prospecção, ou seja, do leitor considerado á frente da produção textual jornalística e tradutória.

Considerações finais

Lembramos que a interface tradução-jornalismo trabalha com uma noção ampliada de texto que se origina não mais no texto escrito, conforme acepções tradicionais, mas no próprio fato quando este é traduzido de diferentes maneiras dependendo da cultura para a qual se destina. O terrorismo é assim culturalmente representado, ou seja, culturalmente traduzido, em razão das marcas culturais empregadas por *Veja* e *TIME* para relatar o fato, no caso marcas dos contextos brasileiro e norte-americano, respectivamente. Portanto, nos limites da interface, tanto o jornalismo como a tradução em abordagem funcionalista, privilegiam um público-leitor final que, através das marcas culturais presentes no texto, constrói sentido para um fato que está geográfica e culturalmente distante dele. É, portanto, incorreto afirmar que o texto de *Veja* seja, ou deva ser, uma tradução direta da *TIME*. Nesse sentido, ambos os textos representam culturalmente a notícia para os seus respectivos públicos-alvo.

A sobreposição de traduções, isto é, uma tradução que se origina de um original, tende a ocorrer mais freqüentemente em ambiente online seguindo os princípios da rapidez de divulgação das notícias. Neste caso, é o próprio jornalista quem, geralmente, assume a função de tradutor e o faz de modo literal, condizente aos princípios que sustentam o fazer jornalístico: imparcialidade, objetividade, neutralidade, isenção. Por essa razão, a tradução vista como ‘representação cultural’, dentro da interface tradução-jornalismo, não só é viável como também

relevante, posto que o aparato cultural condiciona a escrita e a recepção do texto noticioso. A percepção dessas marcas interculturais constitui, portanto, a essência das atividades desenvolvidas por tradutores e jornalistas, além de ter “*uma base dinâmica*: da autoconsciência cultural para o encontro com o Outro em sua diferença e de volta ao Próprio” (ZIPSER, 2002, p.11).

Enquanto leitores de textos jornalísticos estamos, diariamente, em contato com leituras diversas acerca dos mesmos fatos sem, no entanto, nos darmos conta disto. Como conseqüência, somos levados a acreditar no que lemos como a única leitura possível das notícias, quando não o é. Nesse sentido e, ressaltamos, no âmbito do jornalismo, a tradução cultural adquire visibilidade e materialidade através da interface apresentada, sendo pertinente enquanto campo de pesquisa. Acreditamos, nesse sentido, que o perfil de um pesquisador seja o de instigar pensamentos diferentes e estar aberto a novas possibilidades, o que é representativo da proposta deste artigo: pensar jornalismo e tradução partindo de perspectivas distintas, mas mutuamente complementares e enriquecedoras.

Referências:

- DIK, S. C. **Functional grammar**. Dordrecht: Foris, 1981
- ESSER, Frank. **Die Kräfte hinter den Schlagzeilen – Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich**. München/Freiburg, Verlag Karl Arber, 1998.
- FRANZON, Erica. **Os valores-notícia em telejornais**. Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo, Hacker Editores, Edusp, 2000.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- MARTINS, Márcia A.P. **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro,RJ: Lucerna, 1999
- NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation**. Amsterdam, Atlanta, GA, Rodopi. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow, 1991.
- _____. **Functionalist Approaches Explained**. St Jerome Publishing, Manchester, UK, 1997.
- POLCHLOPEK, Silvana. **A Interface Tradução-Jornalismo: um estudo de condicionantes culturais e verbos auxiliares modais em textos comparáveis das revistas Veja e TIME**. Dissertação (mestrado em estudos da tradução) – Departamento de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, UPSC, 2005.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. Editora Contexto, Col. Comunicação, São Paulo, 2003.

WEININGER, Markus. **A Verbalklammer: estruturas verbais descontínuas em alemão.** Tese apresentada ao Depto. de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2000.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato a reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural.** Tese (doutorado em língua e literatura alemã)- Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, 2002.

Periódicos:

Revista *Veja* "**O Império Vulnerável**", Edição Especial: nº37 – 19 de Setembro de 2001, Editora Abril.

TIME Magazine "**One Nation, Indivisible**", Special Edition: nº 11, v.158, September 24th, 2001, Latin America Edition - Time Inc. International, Hollywood –FL.